



Glória e Saulo



Vitor e Edinho: cariocas em Brasília



Josemir: um dentista na noite



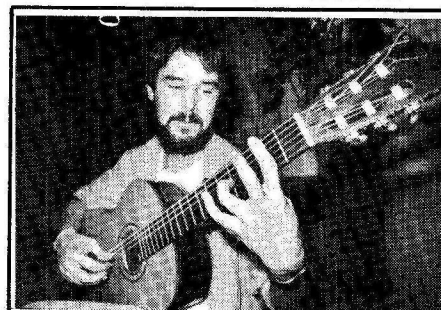
Rebeca: cidade mística deu sorte



Syso: Versão Elvis "moreno"



Milton Brasília: atacando no Travessia



Marco Pereira: fugindo da vulgaridade



Waleska: reflexão dá medo

Depois do sacrifício do trabalho, o prazer

Trabalhar de dia por obrigação e se apresentar de noite por vocação. Esta é a situação de alguns artistas que enriquecem a noite de Brasília. Mas uma boa parte deles vive exclusivamente para a sua arte, sobrevivendo dela. No primeiro caso, a dupla de músicos Victor (guitarra) e Edinho (piano), ambos cariocas, ambos funcionários públicos em final de carreira, ambos se apresentando no momento no Piano Bar do Hotel Eron. Victor Morgado, 51 anos, sete anos na capital federal desde que foi transferido para a Imprensa Nacional, não se queixa de ter mudado de ambiente, até muito ao contrário:

— Atuei no Rio de Janeiro como músico desde 1954. Já viajei com Altemar Dutra, com Caubi Peixoto, com Ângela Maria e o falecido Gregório Barrios. No Rio, gravei com Bob Fleming, enquanto o Edinho, que é mais novo do que eu três anos, participava do conjunto Arrastão. Como chegamos quase na mesma época aqui, quis o destino que fôssemos bons parceiros. Faço a noite de Brasília desde que cheguei, sem parar. Por quê? Não é que esteja tão precisado assim, mas porque gosto muito da noite de Brasília. A noite daqui compensa nos dois sentidos.

Se realmente compensa cantar de noite e trabalhar em atividade diferente de dia, Rebeca Aizic, carioca de 25 anos e quase três em Brasília, não entra nesse mérito por motivos óbvios. Há um ano contratada pelo Bar Academia, onde se apresenta até a primeira hora da madrugada, ela dá expediente voluntário todos os dias na loja da mãe, a Queops Pyramid, que fica na 403 Norte: "Faço isso com o maior prazer e portanto não me canso". Carreira de artista iniciada ainda no Rio entre 17 e 18 anos, ela cantou em locais conhecidos como o Klaus Bar, no Leblon, e Violeiro, na Barra da Tijuca. Esperando o primeiro filho, ela está feliz da vida porque a criança vai nascer em Brasília:

— Esta cidade é altamente mística e me deu muita sorte. Por isso gosto de cantar na noite brasiliense e sempre me esforço para passar para alguém alguma coisa de minha arte, assim como fazia Elis Regina, o modelo de cantora que procuro seguir mas nunca imitar.

Fugir insistentemente da vulgaridade da imitação e procurando criar através da pesquisa. Este é um dos objetivos de Marco Pereira, paulista de 30 anos, cinco radicado aqui. Com dois mestrados (quatro anos) concluídos na França, um em violão e o outro em musicologia, ele é professor de Música na UnB, onde todas as tardes pode ser encontrado entre 14 e 16 horas. Respeitado por seus alunos na faculdade e já tendo conquistado um selecionado público nas suas apresentações às quartas-feiras no Bom Demais, ele ainda não se sente realizado na profissão que escolheu:

— Muito embora reconheça ter sido fortemente influenciado pela música clássica e pelo jazz, volto no ano que vem para a Europa, onde pretendo apresentar arranjos musicais essencialmente brasileiros, modelo fiel a nossas raízes. Longe do Brasil a gente enxerga com olhos diferentes. Aqui a gente só consome o que vem de fora.

Ao contrário do violonista paulista, quem não pretende sair da Ceilândia, o também violonista e também professor de música, Jerusalém Aires da Silva, goiano de Pirenópolis, 45 anos e radicado na cidade desde 1958. Dando aulas de violão no Conservatório Nacional de Música de Brasília, ele curte com humildade a oportunidade de poder se exibir todas as noites no restaurante alemão Keller Bier und Essen, no Setor Comercial Sul:

— Gosto de levar minha música ao público. Esta é uma forma bonita de diálogo.

Outro que se realiza "conversando sentimentos" com seus ouvintes é o seresteiro Josemir, pernambucano que se projetou na noite carioca e que conheceu Brasília pela primeira vez há pouco mais de um mês, para se apresentar no Glauco's, onde a cada dia cativa maior número de admiradores por sua sensibilidade de artista. Com 49 anos de idade, exímio protético, há muito que ele só se dedica à sua arte de cantar, aliando técnica à sua voz de barítono. Josemir está encantado com a noite da cidade: "Nunca vi noite tão bonita. E como se Brasília tivesse esperando há tanto tempo este modesto filho de Garanhuns. E vim para ficar...". Veterano conhecedor da noite, ele define o verdadeiro boêmio da seguinte maneira:

— O boêmio é aquele que respeita a noite, que respeita os amigos, que res-

peita quem está ao lado. O verdadeiro boêmio é um poeta que ama a noite, que se movimenta na noite.

Quem está apenas um ano e seis meses se movimentando dentro da noite brasiliense e pretende bater pernas para o lado do Nordeste é Júlio Vasconcelos, paulista de 20 anos, que canta de segunda a sexta há quatro meses no Caras & Coroa (306 Norte). Amante da noite desde os 16 anos, graças a isso está desquitado, com filha de nove meses, preço antecipado de quem leva muito a sério a profissão, aproveitando a claridade do dia para estudar música. Tem um fraco pelas músicas de Gilberto Gil, particularmente "Se eu quisesse falar com Deus", que interpreta cheio de emoção. Como ainda não estabeleceu o sonhado diálogo, anuncia sua partida ao repórter:

— Gostei muito da noite daqui. Mas até fim do ano vou conhecer as noites do Nordeste, com o violão debaixo do braço. O senhor acha que vale a pena?

Quem pode responder essa pergunta é Waleska, que ainda muito jovem deixou o Espírito Santo para tentar a sua arte no mundo cão do Rio de Janeiro, onde recebeu cantadas históricas de respeitáveis maestros e de distintos políticos em postos eventuais de comando, aliás perfeitamente no molde do figurino do machismo nacional. Sem violão debaixo do braço, apenas com sua bonita voz e coragem, impôs o respeito à sua arte, acabando por ser coroada a "rainha da música romântica", que alguns gostam de anunciar como "fossa". E foi mais ou menos por essa altura (metade da década de 60) que abriu no Leme, o gênese de Copacabana, uma casa noturna que marcou época pelo seu estilo, mais precisamente o Pub, a inesquecível Pontifícia Universidade dos Boêmios, na qual muita gente hoje de renome nacional tirou discretamente o seu diploma. Agora há dois meses cantando no Piano Bar do Eron Hotel, ela já começou a se baratinar com a noite de céu de 360 graus:

— Antes eu não gostava de Brasília, tinha um certo medo da solidão daqui, deste cenário que comprime a gente e nos obriga a pensar. E a reflexão às vezes dá medo, não é? De repente, comecei a entender a noite de Brasília porque comecei a amar esta cidade, um novo amor lindo porque é sem

compromisso. Descobri coisas incríveis. Por exemplo: o "forte" do meu trabalho artístico nos hotéis é de segunda a quinta, enquanto que nos outros locais a afluência é de quinta a domingo. E mais: descobri também que no ambiente do Bar Plano dos Hotéis, as estrelas são os políticos e não os artistas. No meu caso, eles fazem silêncio porque eu canto aquelas músicas que eles gostam. Olha, estou gostando tanto daqui que estou pensando em reviver o Pub aqui em Brasília, em sociedade com o meu amigo Glauco.

Outro que está seriamente pensando em montar casa noturna aqui é o cantor Syso, que já produziu os seus shows em seu próprio estabelecimento, em Salvador. Recém-chegado a Brasília, encontramo-lo interpretando música variada no Kimukeka. Com 37 anos de idade, versão de Elvis Presley moreno (o seu ídolo), ele se acompanha ao violão e tem "Only You" como tema de abertura:

— Nunca pensei que a noite de Brasília proporcionasse tantas oportunidades aos artistas.

Essa verdade está sendo comprovada na noite pelo músico Daniel Júnior, carioca de 44 anos e há nove sobrevivendo só de sua arte (piano e violão) na cidade. Em dias alternados se apresenta na Estação 109, Açaí, Mistura Fina no Tasca e no Garvey Hotel. Boêmio que gosta da noite pela sensação de nostalgia que ela oferece, não se queixa da sua situação financeira que dá para sustentar com dignidade mulher e seis filhos. E aponta a diferença de sua vida no Rio e Brasília:

— Acompanhei na noite carioca bons artistas como Elsa Soares, Lúcio Alves e Eliana Pitman. Mas lá eu não passava de uma peça na engrenagem dos outros. Aqui eu sou a engrenagem. Aqui, quando pinta oportunidade, me transformo até em empresário, pagando contratos e produzindo shows.

Não tão pragmático como seu homônimo é Daniel Olak, mais conhecido pelos frequentadores da Churrascaria Chammas pelo carinhoso apelido de Paganini. Paulista de 40 anos, 14 dos quais fazendo sua arte em nossa cidade, Daniel Paganini faz de tudo em assunto de música, executando com a mesma maestria o violino,

trompete, harmônica de boca (gaita), piano e órgão. E sabe cantar também. Mas ele se tornou célebre em seu ambiente pelas exibições que executa em seu violino, que alguns pensam seja um Stradivarius, arrancando lágrimas e aplausos. O Paganini do Setor Gráfico credita às palmas "esse público generoso". E desfaz o equívoco relacionado ao seu instrumento:

— Meu violino é tão bom quanto um legítimo Stradivarius. Trata-se de um instrumento construído manualmente pelo alemão Gustav Janzen, que mora em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, e já ganhou duas medalhas de ouro em festivais internacionais. Em 1979 paguei uma fortuna por esse violino: 120 mil cruzeiros. Hoje um instrumento desses, Gustav não vende por menos de cinco mil dólares. De qualquer forma, eu e meu violino já somos patrimônio desta cidade de público de bom gosto.

Por falar em patrimônio local, Glória Maria, carioca de 48 anos, já pode merecer essa referência de fato e de direito porque é a cantora pioneira de Brasília, onde começou a cantar profissionalmente na Rádio Nacional do DF em 1961, depois de ter vencido um programa de calouros. Qualquer andante menos informado da noite brasiliense conhece ou ouviu falar na cantora que interpreta com a mesma sensibilidade o "Último Desejo", de Noel Rosa, da mesma forma como o bolero "Noche de Ronda". Com o currículo de quem já cantou três anos no Plantella e outro tanto no Chorão de Arturzinho, agora se exibindo no Chorão 304 de Marcilda, ela recolhe os frutos do que semeou com muito sacrifício:

— Agora a noite de Brasília já dá para entender. Mas antes não foi fácil, não.

E quem não é fácil para conceder entrevistas é o pianista Saulo Ferreira, carioca de 27 anos mas com cara de garoto, que já se apresentou em várias casas noturnas de Brasília, entre as quais o Bar Academia e agora no Chorão 304. Filho da atriz Darlene Glória, ele não tem a mesma facilidade de pregação evangélica da mãe. Olha-nos com desconfiança e manda de lá a sua ordem:

— Coloque aí que eu tenho basicamente a minha formação na música clássica. Só isso.

Falou, tá falado.